

Poder é dividido por apenas cinco grupos

BRASÍLIA — O novo Congresso toma posse hoje como um grande colégio no primeiro dia de aula, para o qual alguns dos mestres que comandam turmas não fizeram ternos novos. Eles estão fora do Congresso, como o Presidente Collor, o Governador paulista Orestes Quérzia e os eleitos da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, e do Rio, Leonel Brizola. Um antigo freqüentador da Casa, que está de volta, também tem sua bancada: o ex-Presidente Sarney.

O Congresso se renova, os líderes são trocados, mas é a economia do País que determina o rumo das decisões do Legislativo. O êxito de uma política antiinflacionária facilita a vida do Presidente. O insucesso faz o Palácio ver minguar seus votos no Congresso. Enquanto inquilino do Planalto, o então Presidente Sarney viveu essa experiência com clareza: na instalação do Congresso, em 1987, os partidos que o apoiavam — PMDB e PFL — somavam mais de dois terços. Ao final do Governo, o País à beira da hiperinflação, o mesmo Congresso o hostilizava.

O Presidente Collor, que saiu das eleições de outubro como comandante de uma sólida bancada, pode ver hoje, com a inflação na casa dos 20%, parlamentares do PRN — partido que lhe deu legenda e abriga parcela de seus aliados — afirmarem que o apoio ao Governo não é incon-



Orestes Quérzia



José Sarney



Fernando Collor



Antônio Carlos



Leonel Brizola

dicional. No frigir dos ovos, o Presidente conta com a fidelidade de reduzida bancada, praticamente restrita aos amigos eleitos de Alagoas, os primeiros, Euclides Mello, de São Paulo, e Mário Mello, de Roraima, e o amigo de infância Paulo Octávio (PRN-DF).

A bancada quercista é hoje a mais numerosa. Muitos arriscam dizer que é todo o PMDB. O mesmo partido que diluiu a "turma do poire" de Ulysses Guimarães, que já foi de Tancredo Neves e sustentou, durante bom tempo, o Governo Sarney.

— E a perspectiva de sobrevivência do PMDB — atesta o Senador Mário Covas (PSDB).

A bancada de Quérzia tem hoje o

perfil oposicionista. Mas nela estão muitos "colloridos" do ano passado — como o Senador Irapuan Costa Júnior (GO).

Outro comandante importante é o ex-Presidente Sarney. Ele tem fiéis seguidores tanto no PMDB quanto no PFL. No entanto, Sarney é dos políticos mais acostumados a conviver com a traição. Hoje, já não se fala mais numa bancada de 60 a 70 parlamentares, mas de 30.

— Tudo depende do assunto. Se for alguma coisa contra Sarney, que o atinja pessoalmente, ela pode chegar até a 200 parlamentares. Mas, numa decisão política, os votos minguam e tudo depende da conjuntura — diz um parlamentar ligado ao ex-Presidente.

A bancada do Governador eleito

da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, é mais reduzida: pouco mais de 20 votos. Mas, pode-se dizer, ela deverá apresentar o menor índice de traição. Composta basicamente por deputados do PFL baiano, sua marca é a fidelidade ao chefe.

Esses três comandantes — Quérzia, Antônio Carlos e Sarney — conversam muito e estão sempre se encontrando. Juntos, abocanham uma considerável parcela da bancada do Presidente Collor. As bancadas de Antônio Carlos e Sarney, em algumas situações, poderão estar ao lado da bancada "collorida". Distante do Governo mesmo ficará a bancada do Governador eleito do Rio, Leonel Brizola. Na verdade, todo o PDT.